

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Viver em Paz!

Andamos alarmados perante o espectáculo que nos oferece o mundo em convulsões, mundo este a necessitar cada vez mais de almas prudentes, sensatas e, sobretudo, amantes da Paz.

Julgamos ver a cada passo os clarões do fogo ateados por quem faz da guerra o seu entretenimento mais caro. E se o troar dos canhões não soa ainda aos nossos ouvidos deve-se mais ao receio das consequências do que ao aniquilamento de vidas e de valores, pois estes, por singular ironia, não contam quando está em jogo a fúria da maldade.

Sobre as nossas cabeças, qual espada de Damocles, pende uma sentença horrível que confrange o espírito: a destruição da humanidade! Mas, talvez por isso, as leviandades, os caprichos e as loucas ambições de certos senhores têm de ser mais comedidos, mais ponderados, pois, numa nova hecatombe, não estão envolvidas apenas as suas vidas mas, ainda, e também, as dos seus entes queridos.

Se há uma hora de serena meditação na vida do indivíduo, isto não pode passar despercebido e, a tal ponto, que é a única probabilidade que resta ainda de ver salvaguardados os ameaçados alicerces da Paz.

Já alguém disse que o dinheiro gasto com a segunda guerra mundial, repartido por cada indivíduo pobre na terra, daria para a sua independência. Não apontamos números, até porque eles, na frieza do seu significado, poderiam atrair a verdade das nossas intenções. Apenas registamos o facto e, ao descrevê-lo, não resistimos à tentação de salientar a circunstância do homem preocupar-se mais com a sua destruição do que com a sua conservação.

As forças do mal têm de ser combatidas, dizem, e nós acreditamos plenamente e damos até o nosso tributo para tal for necessário. Sabemos hoje, à custa do morticínio de duas guerras mundiais, que o melhor serviço prestado à causa da Paz é uma defesa activa, vigilante. Porém, o homem esquece isto com relativa facilidade, movido pelo engano de julgar estemporâneas todas as cautelas tendentes a preservar a Paz, olvidando que é nesta que se prepara a guerra e se for-

jam os caminhos das mais diabólicas destruições.

Um povo que se arma para a guerra ao lado doutro que

POR
ÁLVARO PEREIRA

desarma por imperativos de ordem económica, ou até sentimental, é um povo condenado a perecer ante inimigo belicoso. A questão está em o caminho das suas fronteiras servir os interesses ou as ambições da potência invasora.

Para que tal não suceda, torna-se mister que durante

a Paz se constituam os elementos essenciais e indispensáveis para a sua eficaz defesa, porque só assim pode o indivíduo confiar no futuro e ter esperanças de que a sua vida e a de seus filhos não serão traiçoeiramente destruídas.

Mas este estado de alerta, digamos assim, também cansa e envolve despesas onerosas que alguns povos, menos providos de recursos, não podem eternamente suportar.

É certo que eles na hora do perigo não estarão sós — a estrutura defensiva do tratado do Atlântico Norte, por exemplo, é testemunho elo-

(Continua na página 4)

OS CISNES

*O perfume das rosas sem venenos,
deliquescências de óleos asiáticos;
vinhos sensuais que andam erráticos,
a perturbar as asas dos silenos...*

*Vogam no lago místicos, cismáticos,
os cisnes brancos, virginais, serenos...*

*A contrastar com os plátanos amenos,
os ulmeiros sombrios e dramáticos
sonham com silêncios hieráticos.
Pairam no horizonte uns tons morenos.*

E os cisnes, ao poente, ficam extáticos.

*Com a astúcia felina duma garra
o crepúsculo as coisas imprecisa;
e lembrá-me o Sol, quando agoniza,
um girassol murchando numa jarra...
Do regaço da noite vão caindo,
sobre o lago de jeitos ondulantes,
os topázios das estrelas cintilantes,
— flores de sonho as pétalas abrindo.*

*E no veludo desse embalo de águas,
adormecem talvez as suas mágoas
os cisnes brancos, virginais, extáticos,
serenos...
místicos...
cismáticos...*

JORGE RAMOS

Igreja da Madalena (Santa Marta) ou Falperra



Prónicas Irrequietas - 35

Pastéis de bacalhau... ou de nata

POR ÁLVARO VALENTE

Aonde vão aqueles disantantes pastéis de bacalhau que tanto satisfaziam a gula a minha mocidade?

Parece que ainda os estou tendo!

Loirinhos, farfalhudos, leves como flocos de espuma, eram mesmo um apetite!

Rescendiam de tal forma que o ambiente ficava todo perfumado; e dava gosto ê-los, como pequenos trasseiros, deitados a par no rato da exposição, com seu amo de salsa ao de cima.

Para a chamada «pinga» o piteireiro, não havia melhor aperitivo; e até aos que não eram, sabiam a sublimidade e despertavam o desejo dumas goladas...

Meus ricos pastéis de ba-

calhau! Que saudades me faz esta evocação!

E o certo é que a gente desses tempos, que os comia e bebia vinho, compunha-se de homens fortes, sãos, vigorosos, e não tomavam comprimidos, nem levavam injeções.

Quando vejo os pastéis de hoje, duros que nem rochas, assim escuros como carvões, a ressumarem óleo e a lembrarem o pichelim e o badejo, pesados, esticados, moribundos, confrango-me irresistivelmente e sinto uma pena enorme da volta que tudo isto deu!

Nem os pastéis de bacalhau escaparam!

Foi-se uma das graças es-

(Continua na página 5)

Portugal Pitoresco BRAGA

Cidade antiquíssima, no centro da província do Minho, fundada pelos galos celtas 296 anos antes de Cristo.

Foi a *Bracara Augusta* dos romanos. Segundo F. Diniz, o seu nome derivou do facto daqueles galos celtas usarem umas calças curtas, a que chamavam *bracas*, sendo os seus portadores chamados *brácaros*. Ao nome de *brácaro* juntaram os romanos o de *Augusta*, em honra do imperador Augusto, pelo que a cidade ficou *Bracara Augusta*, no todo, corrompendo-se depois, com o andar dos tempos, em Braga. A sua antiguidade leva-a a competir com Toledo — primaz das Espanhas.

A cidade está edificada numa pequena elevação, cercada de colinas e planícies, todas salpicadas de casais, arvoredos, machos, que dão ao conjunto aspectos encantadores e extremamente pitorescos.

Nos últimos anos tem-se modernizado e actualmente é um dos locais de Portugal mais dignos de visita.

Amplios largos, amplas avenidas, jardins sumptuosos, edifícios de construção recente, tornam-na uma das mais belas cidades portuguesas.

Entre os edifícios notáveis figura a Sé, — antiga com o burgo, vasta, angular, de cantaria, que se diz reconstruída ou melhorada pelo Conde D. Henrique, que morreu em 1112 e ali jaz, bem como sua mulher D. Tareja.

Ali se conserva também o túmulo do arcebispo D. Lourenço, que morreu na batalha de

Aljubarrota, de armas na mão.

Na Sé devemos ressaltar o coro, de beleza excepcional, os órgãos, os cadeirais, e alguns azulejos e quadros de certo valor.

A meia légua da cidade, fica o



Um dos órgãos da Sé

Bom Jesus do Monte, — um dos santuários mais notáveis da península, e também mais rico e mais popular de Portugal.

É indiscutivelmente um dos sítios mais formosos, mais aprazíveis dos arredores de Braga. Por toda a parte, belezas naturais, a mão do homem, e a grandiosidade dos excelsos panoramas.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Meiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 4 8649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra

Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do
desporto e a favor do desporto.
Produção associada de: Fern-
ando de Sousa, Fernando de
Lacerda e Veríssimo Alves.
Brevemente novos progra-
mas e novas rubricas. Para
a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

Explicações

Todas as Disciplinas do 1.º e 2.º
ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:
Francês e Inglês, Técnico - Comerciais
R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

MONTIJO

A função local dum semanário

IV

Continuemos o estudo que iniciámos há tempo e que define o papel da Imprensa na localidade que, principal-mente, serve:

— O semanário «A Província» tem procurado servir as colectividades montijenses com a maior dedicação e interesse. Aí estão todos os números publicados a atestá-lo. Não existe um só número onde não venha noticiário e publicidade a respeito delas. E não fazemos mais do que cumprir a nossa missão, em obediência a imperativos que se impõem e que estão na directriz que traçámos desde a entrada.

Tanto as de recreio, como as de cultura, as de classes, as de beneficência, têm encontrado sempre nas nossas colunas o melhor apoio. E nunca fizemos qualquer excepção. Não nos interessam os indivíduos que as dirigem e conduzem. Interessa-nos apenas os fins para que foram criadas e o prestígio de Montijo.

Acontece, porém, que esses indivíduos nem sempre assim o entendem. Põem as questões pessoais acima do bem da colectividade que orientam, e fingem ignorar, por vezes, a existência do nosso jornal. Ou não mandam seus convites, ou limitam-se a mandar alguém deitá-los na caixa do correio que está à nossa porta.

Acontece que se passam dias sem vermos essa caixa, em virtude dos prognósticos do nosso sorteio semanal, e quando a abrimos e sabemos desses prospectos ou programas já passaram os acontecimentos. Em seguida, ainda fiéis às mesmas questões pessoais, logo vão espalhar que «A Província» tem certa animosidade contra a instituição, pois não publicou isto e aquilo. Ora o que esses indivíduos deveriam fazer (e assim mostravam que conheciam a função dum semanário local) era mandar esses prospectos ou programas à Redacção, com o pedido de publicação.

Não exigimos que venham acompanhados de ofício com

esse pedido. Basta-nos o pedido verbal. E então, se não viesse a notícia, teriam razão para se queixarem. Assim, não a têm.

Ainda há que ponderar a altura em que mandaríamos esses prospectos ou programas à redacção. É preciso não esquecer que o semanário sai às quintas feiras e que é indispensável ter em nosso poder os originais a publicar o mais tarde às terças.

E ainda há que ponderar, desde que venham tarde, que pode faltar o espaço,

como tantas vezes, acontece.

O que não é correcto, nem decente, é que, da maneira como procedem, vão depois tendenciosamente propagandear que o jornal (ou quem está à sua frente) não gosta dessa instituição, não simpatiza com ela, e aproveita as ocasiões para mal a colocar.

Isto é que é preciso que termine numa vez para sempre, porque deprime o carácter e a educação dos que dirigem o semanário.

Vamos a ver se isto tem emenda, no futuro.

Concelhos Ribeirinhos DA MARGEM SUL DO TEJO

Iniciamos hoje a publicação dum trabalho do nosso querido amigo e colaborador João Luís da Cruz que, de certo, muito interessará os nossos leitores, pela beleza da contextura e pelo valor monográfico que tem para os montijenses e para a vila de Montijo.

A história pregressa das vilas e aldeias do sul do Tejo, na orla que recorta, com as suas praias, esteiros e sapais, o formoso estuário do nosso rio aurífero, desde o rio das Enguias ao rio Coima, seus afluentes, remete-nos ao dilúvio da Nacionalidade, quando esta, conquistada Lisboa aos Mouros por Afonso Henriques, e dominada a Outra Banda, já estava na posse definitiva de todo o território arrábido.

Algumas terras antigas, que viviam amodorradas por carencia de importância demográfica, começaram, então, a rejuvenescer sob o influxo da Reconquista, que lhes trouxe o repovoamento, originando a floração de novos aldeamentos, protegidos pela milícia dos Espatários, senhores e dominadores do triângulo estratégico formado pelos castelos de Almada, Palmela e Sesimbra.

Todavia, foi ainda longo, apesar de uma acalmia que durou dez anos (1148-1158), o período ulterior em que os sarracenos renovaram as suas algaras, pondo em grande sobressalto toda a terra dentre Tejo e Sado. A invasão almôada de 1191, essa ficou trágicamente assinalada pelas atrocidades, morticínios e depredações que o exército do

ferocíssimo Yacub Almansor cometeu na margem sul do Tejo, e do que resultou renderem-se-lhe Alcácer, Palmela e Almada. Contudo, as vicissitudes da guerra não impediram que as terras se fossem arroteando; se desbastassem os pinhais; se desmoitassem as charnecas e se aproveitassem os maninhos, convertendo-os em terras lavradas; e que, ao cabo de três longuíssimos séculos, toda a margem ribeirinha estivesse talhada em salinas e povoada pelos moinhos de água (*moendas de pam*) tão característicos da paisagem que circunda a fimbria arneira do estuário do Tejo.

Formam-se as grandes quintas, com seus pomares, seus olivais e seus vinhedos, e, de par com elas, as pequenas fazendas e hortas de arrabalde. De longe em longe, insulados, já se vêem, fumegantes de vida operosa, casais agrícolas que originam a abertura de novos caminhos vicinais, em número superior aos que o Mouro abria outrora, para fugir aos impérios que lhe barravam as comunicações.

E tudo isto, afinal, consequência da política de atracção, caracterizadamente nacional, compreensiva e tolerante, que Afonso Henriques adoptara para com os Mouros vencidos, após a conquista de Lisboa, e que o levou a conceder a esta e a Almada, Palmela e Alcácer o célebre *foral dos Mouros forros* (1170), deixando a estes livres, mediante certa tributação agrária, paga anualmente ao rei, as terras que tinham cultivado e onde, submissos, se tinham deixado ficar.

Muitos desses Mouros, em grande parte Moçárabes, a quem o convívio secular com os filhos de Mafoma não fizera esquecer a antiga condição de cristãos — desses cristãos que haviam caído sob o domínio dos árabes e berberes de Târi-que, quando este, em 710, deu a primeira machadada nos alicerces da monarquia visigótica — muitos deles, dizíamos, saíram de Palmela para povoar Setúbal; e, por toda a margem do estuário do Tejo, os havia nas povoações ou aldeias e nas vilas, como Almada e Alhos Vedros, beneficiando das liberdades e regalias do foral.

Essa política, confirmada e seguida pelos sucessores do fundador da monarquia, fez, nos subúrbios de Lisboa e no território da Arrábida, uma au-

Dia de Finados Dia da saudade

Como habitualmente nos demais anos, também este ano houve a romagem ao cemitério de quantos ali quiseram ir para juncar de flores as sepulturas dos entes queridos.

Já na véspera o movimento foi desusado, acen- tuando-se no próprio Dia de Finados, em que uma multidão compacta ali se dirigiu, de manhã à noite, para piedosamente cumprir sua missão.

E pela tarde, quando o sol baixava no horizonte, o cemitério parecia um vasto jardim, onde ficavam depositadas as flores da tradição e da saudade.

Sem o mais leve incidente, naquele silêncio das grandes e impressionantes solenidades, a multidão debandou confrangida, repassada de mágoa e de ternura, depois de ter prestado a sua significativa homenagem aos que repousam eternamente na última e definitiva morada.

— Dia de Finados, — dia da saudade!

ASSUNTOS MUNICIPAIS

— No dia 31 de Outubro reuniu o Conselho Municipal, sob a presidência do sr. José da Silva Leite, para apreciação do Plano de Actividades para 1957, como noticiámos no nosso último número.

Depois da respectiva leitura, foi o mesmo aprovado por unanimidade.

Reunião da Câmara Municipal

— No dia 23 daquele mês, reuniu a Câmara Municipal sob a presidência do sr. José da Silva Leite, e resolveu:

Por proposta do sr. presidente, a Câmara deliberou mandar elaborar os projectos de arranjo urbanístico dos largos em frente do novo cinema e onde está o actual barracão do Mercado.

Por proposta do sr. vereador Tomás Iça a Câmara deliberou providenciar para a habitação de vários locais a indicar pela Secção Técnica de acordo com o vereador proponente.

Mais deliberou: contratar para o exercício do cargo de zelador municipal, em Caminho, a António Sampaio Martinho, aprovar o orçamento suplementar ao ordinário corrente ano; ordenar a execução de vários trabalhos topográficos, em vista à instalação eléctrica de Pegões, construções na vila e bairro satélites.

tência revolução social e económica, levada a cabo, lenta e pacificamente, até que, com o advento da dinastia de Avis e ao aproximarem-se do século XVI, estão já florescentes, ainda que pouco povoadas, as antigas vilas, bem como lugares que lhes serviam de satélites.

Toda a paisagem rural e marítima — digamos a paisagem marítima, e não fluvial, — lembrar que as águas do Tejo e as do Atlântico, confundem-se em um verdadeiro mar — já humanizada pela presença dos homens do leme e do arado.

(Continua no próx. número)

SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

OUTUBRO

— No dia 30 de Outubro, o Sr. José Mendonça Boavida, nosso prezado amigo e assinante.

— Dia 31, o menino Diogo Rodrigues Mendonça Tavares, e no dia 2 de Novembro sua irmãzinha, a menina Maria da Conceição Mendonça Tavares, gentis filhinhos do nosso bom amigo e assinante sr. António Tavares.

NOVEMBRO

— Dir 1, o sr. António Luis Marques Anica, sobrinho do nosso dedicado assinante sr. António G. Silva.

— Dia 4, o menino Adelino Evaristo Rosa Marques completa 10 anos, filho do nosso estimado assinante sr. Abel Fernandes Tobias Marques.

— No dia 7, o sr. Joaquim Alves de Oliveira completa 50 anos, nosso prezado assinante.

— Dia 8, o sr. Américo Alves Resina de Oliveira. Completou 29 anos e é filho do nosso prezado assinante, sr. Joaquim Alves de Oliveira.

— Dia 8, o menino José Teodoro dos Santos Silva, filho do nosso dedicado assinante sr. João Teodoro da Silva.

— Dia 10, a menina Ilda Maria Baliza Calado, filha do nosso estimado assinante sr. António Maria Calado.

— Dia 11, a menina Ana Rita da Costa Cartaxo, filha do nosso prezado assinante sr. José Maria Cartaxo.

— Dia 13, a menina Maria Guiomar Nogueira Rebelo, filha do nosso prezado assinante sr. José Joaquim Rebelo.

— Dia 13, o sr. Anselmo António José Marques, nosso prezado assinante.

— Dia 13, a menina Maria Diamantina de Jesus Vicente completa 8 anos, sobrinha da nossa prezada assinante sr.^a D. Joana Vicente da Silva.

— Dia 20, o menino Artur António da Costa Cartaxo, filho do nosso prezado assinante sr. José Maria Cartaxo.

De visita

Deu-nos o prazer e a honra da sua visita à nossa Redacção, a sr.^a D. Arminda Rebordão Pires, distinta colaboradora de «A Província».

Agradecemos, muito reconhecidos, a gentileza.

— Teve a gentileza de nos vir apresentar seus cumprimentos a Sr.^a D. Arminda Lagos, diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra e ex-estagiária das Maternidades de Paris e de Estrasburgo, que na nossa terra vem exercer a sua profissão de Parteira — Enfermeira.

Agradecemos penhoradamente essa atenção.

Casamento

No passado dia 21 de Outubro, pelas 13 horas, realizou-se na Igreja matriz de Montijo o casamento do nosso prezado assinante, sr. António José Pancada Lérias, empregado no comércio e residente em Montijo, com a gentil menina Maria Helena Augusta Fidalgo Palheira.

Foi celebrante o Rev.^o Senhor Padre Manuel Gonçalves dos Santos, Pároco da Freguesia de Montijo. Apadrinharam o acto: por parte do noivo o sr. Elias da Conceição Pancada Lérias, e a sr.^a D. Mariana Angélica Pancada Lérias, e por parte da noiva o sr. Augusto Filipe e a sr.^a D. Judite Augusto S. Pedro.

A Província apresenta aos noivos parabéns e deseja felicidades na futura vida.

— No dia 15 do passado mês, pelas 11 horas, casou-se em Lisboa, na Igreja dos Anjos, o sr. Armando Rato Antunes, com a gentil menina Maria Fernanda Afonso Pereira, natural de Lisboa.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, a sr.^a D. Ema Pereira Antunes e o sr. António Pereira Antunes, irmãos do noivo.

As nossas felicitações.

MONTIJO

DA Orquestra "Eldorado"

recebemos o seguinte officio que gostosamente publicamos:

Montijo, 5 de Novembro de 1956

Senhor Director do Semanário «A PROVINCIA».

MONTIJO

Os nossos melhores cumprimentos a V..

Lemos na passada semana, no semanário «A Província», do qual V. é mui digno Director, uma reportagem sobre o espectáculo que o Grupo Artístico Montijense levou a efeito, no passado domingo 28 de Setembro, em Montijo, e no Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro.

Referindo-se à actuação da nossa Orquestra, teceu o ilustre articulista as mais elogiosas considerações, o que bastante nos encheu de orgulho e satisfação, tanto mais que as Orquestras, os Conjuntos Musicais, os músicos, digamos assim, raramente são lembrados, a menos que façam «cair» o amator ou o artista, quando estes se exibem perante o público.

Quando isso acontece, então todos se lembram de que, se o cantor fez má figura, foi porque a Orquestra não o acompanhou como devia.

Casa da Criança de Montijo

Recebemos o n.º 2 — ano 3.º — Outubro — do Boletim da Comissão Pró-«Casa da Criança de Montijo», cujo sumário logo indica a forma como, criteriosamente, se continua servindo a Causa Infantil na nossa terra.

Na primeira página, além do «Quadro de Honra», a gravura da gentil montijense Maria Virginia, premiada com menção honrosa num concurso de beleza infantil, organizado pelo «Nestogeno».

No interior, artigos sobre Puericultura, Dia da Infância, Alimentação e hábitos alimentares, etc..

Agradecemos o exemplar que nos remeteram e reiteramos o nosso aplauso incondicional à obra que essa Comissão pretende levar a efeito.

Concurso Hora Feliz

«Hora Feliz» foi aquela em que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, Praça 1.º de Maio, Montijo, resolveu efectuar este Concurso.

No dia 2 do corrente, ele continuou a senda traçada. O relógio entregue nesta redacção parou nas:

22 horas e 47 minutos

Foi premiado, por aproximação, o sr. João Pereira Rato Palmeiro, avenida Nuno Álvares Pereira, 93 — Montijo.

Inscrições e concorrerem, se querem ser contemplados com os prémios que lhes podem ser atribuídos pelo CONCURSO HORA FELIZ!

ARMANDA LAGOS

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Ex-estagiária das Maternidades de Paris e Estrasburgo.

Parto natural (Parto sem dor)
Tratamentos

CHAMADAS

De dia: Telef. 026038

Rua Almirante Reis, 72

De noite:

Rua Joaquim de Almeida, 102

MONTIJO

O contrário é que raramente ouvimos comentar e, por isso, soube-nos bem ler as boas referências à nossa actuação naquela noite, tanto mais que elas saíram da pena dum reconhecido crítico musical, cujas opiniões abalizadas não deixam a menor dúvida a ninguém e, perante as quais, nós, os músicos, nos curvamos respeitosamente.

São opiniões como essas, que nos animam a prosseguir. Muito obrigado, Sr. Director.

Com os protestos da nossa melhor estima e consideração, nos subscrevemos

Atenciosamente

Pela Orquestra

J. Ribeiro Vintém

BAILES

Sociedade F. 1.º de Dezembro

No dia 11 do corrente realizamos na sede desta Sociedade uma *matinée* e *soirée*, abrilhantadas pelo conjunto musical «Os Reis da Alegria», que prometem ser muito animadas.

E assim, a actual Direcção vai cumprindo o seu programa de festas e dando à prestigiosa colectividade mais vida e mais projecção.

Sociedade Recreativa

Progresso Altonsoalense

No próximo dia 11 realiza-se nesta colectividade o Baile de S. Martinho, o qual será abrilhantado pelo conjunto musical «Os Canários», da Atalaia.

Como grande atracção desse baile efectua-se a «Dança do Baril», sendo conferido um valioso prémio ao par que conseguir abrir esse barril.

Reina o maior entusiasmo por esta festa que, como todas ali realizadas, alcançará um verdadeiro êxito.

«A Província» — n.º 86 1/11/1956

Anúncio

2.ª Publicação

Por este se anuncia que no dia vinte e seis (26) de Novembro pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública, do prédio a seguir designado e pelo maior preço que for oferecido acima do valor abaixo indicado.

Prédio

«Prazo foreiro em catorze escudos anuais, a actualizar sem laudémio, formado por uma fazenda, composta de terra de sementeira, vinha e casas de habitação, no sítio do Passil, freg. de Alcochete, desta comarca, que confronta do norte com Manuel Matias Almeida, sul com José Almeida, nascente com Estrada e do poente com Diogo Rodrigues de Mendonça, que se encontra descrito sob os artigos novecentos e quarenta e seis rústico, e novecentos e vinte e dois urbano, com o rendimento colectável de mil cento e setenta e quatro escudos e o valor matricial de vinte e oito mil cento e setenta e seis escudos».

Montijo, 8 de Outubro de 1956.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

José Maria Pereira de Oliveira

O Chefe da 1.ª Secção,

A. Paracana

Sarilhos Grandes

FALTA DE LUZ

Escreve-nos o sr. José Bento, desta localidade, a pedir que chamemos a atenção de quem de direito para a falta de luz, principalmente na travessa da Farmácia, onde não existe, sequer, uma única lâmpada de iluminação pública.

Diz-nos ele, em sua carta, que o sr. Governador Civil do nosso Distrito, quando ali esteve de visita, foi o próprio a reparar na pouca iluminação da localidade, dizendo que queria mais luz.

O certo é, porém, que a falta continua, o que mais se faz sentir na referida Travessa

Chamamos, pois, a atenção para o facto e esperamos que essa reclamação seja atendida, como é de inteira justiça.

Da Policia de Segurança Pública do D. de Setúbal

Posto Policial de Montijo

recebemos o seguinte circular:

Tendo sido assaltada na noite de 29 do passado Outubro a residência de Maria dos Anjos Ribeiro de Brito, sita na Rua José Joaquim Marques, n.º 191, desta vila, os gattunos furtaram por meio de chave falsa e arrombamento, os seguintes objectos:—Uma pulseira e uma libra de ouro, um estojo com brincos e anel de brilhantes, um estojo com um par de brincos com pérolas, um estojo com um par de brincos de ouro, um fio de ouro com uma cruz com pérolas, um anel de ouro com uma pedra azul, um fio de platina com uma cruz, uma pulseira de ouro (partida), um alfinete de Ouro com uma pérola, uma medalha de ouro, tendo gravado a Nossa Senhora da Conceição, e ainda a quantia de 1.100\$00 em notas do banco de Portugal.

Assim, venho rogar a V. se digne comunicar estes factos publicamente, no sentido de serem apreendidos os respectivos objectos, detenção do seu portador e comunicação a este Posto.

O COMANDANTE

Rogério Ferreira da Silva

1.º Sub-chefe

Conferências

Campanha especial de reavivamento e esforço cristão

— Ora como tudo dependesse de Deus
Age como se tudo dependesse de ti

Torna-se público que nos dias 12 a 18 do corrente, no templo da Igreja Evangélica Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, desta vila, realizar-se-á uma série de Conferências Religiosas, para as quais todos são cordialmente convidados:

2.ª feira, 12, às 21 horas — Conferencista — Rev. Hélcio Lessa; 3.ª feira, 13, às 21 h., Rev. Dr. Manuel — Tema — Satanaz e a tentação — Texto — S. Mat. IV, 1-11V; 4.ª feira, 14, às 21 h., Bev. Gerson A. Meyer. «Triplíce aspecto de um colóquio», S. João IV, 1-42; 5.ª feira, 15, às 21 h., José Elídio Freire, «O que é um cristão», Act. XI, 26; 6.ª feira, 16, às 21 h. Lic. João Severino Neto, «A única esperança do Mundo», Act. XVI, 20-34; Sábado, 17, às 21 h., Rev. Saúl de Sousa, «Não há distinção» Rom. III, 23; Domingo, 18, às 11 h. Rev. Herbert Meza, «Cristãos da Galeria», S. João XLL, 24,25; Domingo, 18, às 21 h., Abel Rodrigues, «Só Jesus», S. João X, 9.

A's Senhoras

Por motivo de retirada muito breve, vendo máquina de apanhar malhas em meias, ensinando a trabalhar com a máxima perfeição e cedo a maior clientela de Montijo. Trata na Rua José Joaquim Marques, 79 — Montijo.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª - feira, 8 — *Giraldes*

6.ª - feira, 9 — *Montepio*

Sábado, 10 — *Moderna*

Domingo, 11 — *Diogo*

2.ª - feira, 12 — *Giraldes*

3.ª - feira, 13 — *Montepio*

4.ª - feira, 14 — *Moderna*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 8; Uma bela e hilariante comédia musical em Technicolor, «Milionário à Vista» e um excitante filme com Robert Ryan, «A Cidade Submersa», e ainda Revista Paramount.

6.ª feira, 9; Arturo de Cordova e Marga Lopez, «Nada Menos que um Homem» um drama apaixonante; no programa, 1 musical, 1 cultura e 1 desenho.

Sábado, 10; Uma interessante comédia italiana «Antes do Anoitecer», e em complemento o filme policial «A Cidade Defende-se».

Domingo, 11; Um filme em Cinemascope, em cor de Lux. «Interlúdio Secreto».

2.ª feira, 12; Espectáculo de Homenagem ao Clube Desportivo de Montijo, «Apaixonadas» com Doris Dav. e «Sem Consciência» com o grande artista Humphrey Bogart.

3.ª feira, 13; Sophia Loren em «Abismos Africanos» e a engraçada comédia, «A Caça dum Marido».

4.ª feira, 14; Um filme de acção, «Tanganica» e a interessante comédia, «Quem vai à Guerra».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 8; (Para 18 anos) Uma reposição que é o melhor filme de Gregory Peck, «Duelo ao Sol» em deslumbrante colorido, e no programa o lindo documentário Fim do Ano na Madeira.

6.ª feira, 9; (Para 13 anos) O filme português, «A Volta do José do Telhado» e o grande filme cómico com Donald O'Connor, «O Grande Campeão».

Sábado, 11; (Para 18 anos) O drama de acção, colorido, com Rita Hayworth e José Ferrer, «Chuva» e ainda o filme de acção em Technicolor, com Dana Andrews «3 Horas Para Matar».

Domingo, 11 e 2.ª feira, 12; (Para 18 anos) O filme de espionagem em Cinemascope, «O Homem que Nunca Existiu».

3.ª feira, 13; O filme português, «Bola ao Centro» e o grande filme colorido, com Jeff Chandler «O Mundo em Chamas».

4.ª feira, 14; (Para 18 anos) O drama de aventuras em Technicolor, «Coração Selvagem» e a linda comédia «Belezas em Bicicleta».

1 respassam-se

— ESTABELECIMENTO para qualquer ramo de negócio, com casa de habitação, na Rua Serpa Pinto.

Trata: Domingos Mendes — Montijo.

— CASA DE PASTO bem afreguesada — R. António Rodrigues Pimentel, 52 — Montijo.

Vinhos Novos e Aguardentes

Compra em qualquer quantidade F. Rosa & Irmãos.

R. 28 de Maio, MONTIJO.

Para Isabel Regina da Luz Silva, residente no Brasil — (filha de Joaquim da Silva e de Branca da Luz Silva, falecida).

Tua prima e tios felicitam-te pelo teu primeiro aniversário, desejando que Deus sempre te acompanhe.

5 de Novembro de 1956.

A outra face duma cidade

Por Carlos Mascarenhas

À hora a que os eléctricos recolhem às estações e o pessoal da via, à luz potente dos reflectores, inicia a substituição de carris, fazendo ressoar o malho e guinchar as pesadas vigas; à hora a que os táxis, «à vara», rodam mais lentamente, tentando os peões sem outro meio de transporte: à hora a que cessa a resplandescência dos placards automáticos; à hora, enfim, em que a cidade está no primeiro sono, vão surgindo nas artérias de maior trânsito sombras humanas, figuras estranhas que só a poder de precauções conseguem mostrar-se de dia.

Os «cafés», os bares, os botequins de serviço nocturno (mais numerosos que as farmácias) animam-se de uma clientela especial, e bem conhecida dos empregados da casa.

Ali estavam vadielas que vivem de expedientes.

Um ou outro indivíduo dormita encostado à mesa; mas prestes é despertado pelo pessoal da bandeja, que não usa de grandes cerimónias para este serviço de clientes:

— Ó cavalheiro! quem quer dormir paga à guarda!

Um veículo especial faz também a sua aparição. É a carroça dos cães e gatos vadios, que dormem por recantos e portais. Deixam-se apanhar sem resistência, e o sono interrompido reatár-se-á nos braços de S. Roque... legando ao Município o parco rendimento das suas fanadas peles.

Reboam a distância, em rápida cadência, pancadas cavadas seguidas do gorgolejar da água. Dobrado o ângulo proximo, mostram-se os Almeidas na tarefa de limpar sargetas, ordenando marchas e paragens ao sonolento mulo que tira a caranguejola da água:— Árre macho!—Ai—ó— Vamos embora!—Ai—ô!...

De longe em longe soam palavras.

Aplausos ao Benfica? Desta vez, não!

É alguém que chama o guarda-nocturno.

Ao cabo de um quarto de hora, ele responde: Lá vai, lá vai!...

Quinze minutos depois, aparece o serenissimo «sereno». Abre a porta para que fora solicitado, inspeciona de passagem o pata-mar e arranca cá para fora um pobre diabo extremunhado, que nem ao Hotel da Corda pode chegar, por não ter onde cair morto.

A caminho das esquadras vêem-se passar polícias conduzindo indivíduos contundidos num pé-de-vento ou ratoneiros que se saem pouco bem das suas actividades. Com mais frequência, porém, fazem marchar mulheres recalcitrantes ou arrastam, filado pela gola, um bebedolas aos bordos. Uma

voz sarcástica ouve-se algures, não mui distante:

— O' Aguardente! Já tens onde dormir!

Todavia, a vida nocturna desta urbe não contém tão só o drama ignorado de quem se deita cedo para cedo se erguer. Também o trabalho atravessa a noite para assegurar aquele mínimo de comodidades a que todo o cidadão tem jus.

Quem alçar a vista às chaminés dos fornos de pão, observará as colunas de fumo indicativas de que o precioso alimento está a ser manipulado para todas as bocas-mercedoras ou não-porranónimos trabalhadores.

Quem se acercar da Central Tejo, pressentirá a vibração da engrenagem que não deixa a cidade tombar na treva. Quem deambular pela Fala-Só, por S. Ciro, pela Estefânia, por Escutará o zunido dos sub-geradores de electricidade. Quem transitar pela Trindade, depois pela Conceição, notará que os serviços de telo-rádio-comunicações continuam garantidos pelo pessoal que labora de noite. Quem se aproximar dos edifícios dos jornais, ouvirá matraquear das Linotipes e o rugir das rotativas.

É a sinfonia do trabalho a contrastar com a vergonha das excrecências sociais.

Quando a ante-manhã leva a noite de vencida; quando os carros da horta-lança se encaminham para os mercados; quando os primeiros eléctricos saem para as carreiras, recolhe à lura a fauna noctámbula, desapa-rece a noite que um mau sestro lançou em caminhos tortuosos.

Apagam-se as luzes dos «nabos» e de todo o moderno sistema de iluminação. Surgindo vem ao longe a nova aurora que as sombras da miséria hão-de apagar. Somem-se aventureiros e *hetairas* que têm coleira e pagam imposto... Um novo mundo desce à rua quando começam a circular os autobuzes e o elevador da Glória se espreguiça, retezando os caços, para retomar a sua penitência de sobe-e-desce. São regatões e colarejas da Ribeira, da lota, dos mercados, que vão arrematar os produtos que pagaremos depois com lingua de palmo... São os trabalhadores que largam o serviço nocturno e os operários que vão pegar ao trabalho diurno.

O dia já é nado. Já os ardinias vendem patranhas ao preço acessível de um escudo-e lá vem a apregoar a mulher da fava-riça.

Um grupo de retardatários-homens e mulheres trajando com elegância-cami-

nha a cambalear, acostando-se mutuamente para se aguentarem nos dois passos à frente e um atrás. Vão aos tombos, pálidos, descaídos os chapéus à nuca para refrigerarem as fontes com a lufada da manhã; elas, feições maceradas, olheiras profundas e vista envidrada. Cantam desafinadamente, riem sem continência e traem a estirpe num ou noutro palavrão menos diplomático, num ou noutro gesto mais licencioso. É a frequência dos clubes, das *boites*, dos casinos, das *ta-volagens*, que perdem talvez tudo ao jogo-tudo-até o dinheiro para o táxi... É a escuma brilhante que flutua ao de cima do populacho e se embriaga como Petrólio.

Para o pagode a matar a fita—o mesmo pagode que ri alvarmente do beberrão de rascante. Mas para esta aristocracia de contrabando, não tem as chufas que joga impiedosamente aos Brotas de ganga e boné. Olha, acha graça e exclama com indulgência:

— Vão alegres, os meninos!...

A este tempo chega a casa o padeiro que se levantou à meia-noite...

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

Viver em Paz

(Continuação da 1.ª página)

quente mas não deixa, contudo, de ser uma ameaça constante que de bom grado desejariam ver desaparecida.

A única solução quanto a nós, se soluções se podem apresentar em matéria de tanta monta, seria suprimir sistematicamente os aventureiros quase sempre animados de espírito de rebelião, de anseio de liberdade, de loucas ambições. A própria história assim no-lo aponta e nos leva a acreditar que, não obstante os exemplos, o homem continua a confiar as suas vidas a outros indivíduos desprovidos de tudo que há de mais caro à existência e que se pode resumir nesta frase simbólica, que sintetiza o anseio duma vida consagrada à família e ao trabalho: VIVER EM PAZ!

Álvaro Pereira

DR. EDUARDO PERDIGÃO

Clinica Geral - Operações

||||

Consultório e Residência:

R. José Joaquim Marques, 28

Telef. 026473

A mulher indonésia e o seu traje

Artigo de Rollin de Macedo

Com destino às nossas leitoras curiosas, aqui damos noticia do padrão geral do traje da mulher indonésia, que consiste no «kain», (espécie de saia muito apertada, como uma envolta) e como seu complemento a «kabaya», que é uma jaqueta de elegante corte, com mangas compridas.

Portanto, o «kain» e a «kabaya» constituem a parte essencial do vestuário das mulheres da Indonésia; mas é através da cor, do desenho e da maneira como é vestido, que revelam de que parte do arquipélago da Indonésia é originária a sua possuidora.

Uma vantagem que as mulheres da Indonésia têm sobre as suas irmãs ocidentais é a de que não necessitam de se preocupar com o comprimento dos vestidos, para estar de acordo com a moda, ou saber se os mesmos se usam justos ou largos. O próprio «kain» é feito apenas numa única medida e a bainha fica a poucas polegadas do chão.

Não deve confundir-se o «kain» com o «sarong», que tem as extremidades cosidas e é normalmente utilizado como vestuário caseiro. O processo de usar estes «kains» nem sempre é o

mesmo. A oeste de Java, por exemplo, o «kain» usa-se enrolado ao corpo, bem apertado, com a extremidade pendente na frente, enquanto na Java central e oriental as mulheres, quando saiem, preferem fazer uma dúzia de pregas na extremidade do «kain», pregas essas que são então postas para a frente, um tanto para a direita.

O uso do «kain» pregueado é típico das mulheres da Java central e oriental que vão assistir a qualquer festa, e as suas irmãs na Java ocidental já estão também a seguir um pouco este exemplo. Existem, ainda, pessoas que podem apreciar a diferença entre os tipos de mulheres das diversas regiões de Java, não só pelos seus «kains» e «kabayas» mas também pelos penteados. O tradicional carrapito usado pelas mulheres em toda a Indonésia varia muito pouco, mas hoje em dia têm as suas variações modernas, talvez inspiradas nos penteados ocidentais. As mulheres da Java ocidental, e as que vivem nas maiores cidades, estão mais aptas a tentar estas variações no penteado e novas combina-

ções no «kain» e no «kabaya», do que as das outras partes do arquipélago.

Outro facto é o de na Java ocidental haver uma preferência decidida pelo berante, cores alegres e profusão de ornamentos como que para condizer com a paisagem luxuriante e colorida da área de Friangan. Os «kains» favoritos são os multi coloridos, berrantes, feitos em Bandung e Pekalongan (Java central), a que se dá o nome de «djalamporang». O povo acha o «djalamporang» como um pouco insólito e usa-o apenas em casa, tal como os seus «kains» azuis e vermelhos.

As mulheres de Sumatra têm como típico uma «kabaya», tipo de blusa, solta e comprida, que quase chega aos joelhos e tem o nome de «badju kurung», aliás um nome bem escolhido, dado que significa algo como um vestuário que esconde e envolve o corpo.

Com o «kain» e a «kabaya» usa-m chinelas de salto alto e uma «slendang» ou faixa lançada negligentemente sobre um ombro ou enrolada graciosamente à sua volta. Porém, em vez das chinelas vulgares de

salto alto, estão cada vez a usar mais as sandálias de madeira, sugeridas pela moda de Java ocidental. Estas delicadas sandálias de madeira, com solas, que vão desde uma até três polegadas de altura no tacão, são feitas num sem número de variedades, de cores e feitios.

As solas são pintadas ou entalhadas, e tanto podem representar um dragão com a boca aberta e língua enrolada, como o desenho de uma flor. As tiras destas sandálias de madeira são feitas de couro dourado ou prateado. Além do seu aspecto atraente, as sandálias são, comparativamente, mais baratas e mais confortáveis.

Muitas mulheres da religião «moslem», na Indonésia, usam um véu que, sem lhes cobrir a cara, flutua elegantemente sobre a cabeça. Onde não se usa o véu, este é substituído pela faixa. Qualquer tecido fino pode ser usado para este «slendang». Contudo, há também alguns, feitos em casa, tão lindos como os que são tecidos em Bali e em Sumatra, e que são entrelaçados com fios de ouro e prata. Há, também, ainda, os «perlangis» que são tratados por

(Continua na página 5)

Pastéis de bacalhau... ou de nata

(Continuação da primeira página)

peciais das excursões, dos piqueniques, dos forrobódos por quintas e hortas. Acabaram-se as delícias dos petiscos domingueiros e dos tais aperitivos das baúcas.

Agora, quando aparecem, são olhados como pirraças do «infel amigo» e postos à margem dos acepipes, pois ninguém está resolvido a deglutir estopa, sem graça e sem sabor.

O pior disto tudo, porém, foi que os substituíram, nas andanças da moda e do modernismo, pelos pastéis de nata, encapotadamente, para satisfação da vista e prejuízo da saúde.

E então, nós salões de chá da aristocracia, nas grandes pastelarias e nas de «meia tijela», nas leitarias chiques e nas pifias, em todos os buracos onde se lancha e se mordisca, aí estão eles na primeira fila das tentações.

É em vez do vinho de outrora, à «antiga portuguesa», vai o copo de leite falsificado, inútil, a que tiraram a substância, com o açúcar pálido e desmaiado, a que também tiraram as vitaminas, as propriedades alimentícias, o poder de nutrição

Os pastéis são chochos, encarquilhados, têm um cascabulho à volta que nem o diabo o trinca; o leite está anémico, vem das misturas antecedentes e retardadas, sabe a mofo e a requeima; e no entanto, a multidão ignara embute os sólidos e o líquido com doida satisfação e retira convicta dos grandes benefícios ingeridos!

E no entanto, a multidão ignara abastarda-se, faz-se nuvem de pipis, anemia-se também, entra nas avitaminoses e nas insulinas suíças com notável incremento.

E os homens e as mulheres doutros tempos, — dos tempos dos pastéis de bacalhau e do carrascão —, assistem a esse espectáculo de modelos esqueléticos, amareirados, que andam na sarabanda do leite clorótico e dos pastéis de nata velha.

Que tristeza tudo isto me faz!

— Esperem. Sinto na cozinha um batuque de batata cozida e salsa picada. Oiço o partir dos ovos nos bordos do famigerado tacho. Lá vai o desfiado bacalhau para a engrenagem e para a endrômina. Certamente, segue-se a pimenta, segue-se o alho recortadinho, segue-se a pitada do sal, talvez a raspa de noz moscada...

Já cheira no ambiente... Mas, tirando a salsa e o alho e a noz, tudo o mais é vago, tudo o mais é incerto, tudo o mais é mentira!

E os célebres pastéis de bacalhau da minha mocidade não passam, afinal, duma refinada parlapatice!

Ah! Deixem-me chorar um longo choro de mágoas e de recordações! Já estou velho como um trapo que se esfiampa...

Álvaro Valente

Olha a tua saúde

O fígado e suas doenças

(Compilado dos livros do Professor Nicola Capó)

III

Hepatite: — O fígado não neutralizou suficientemente os resíduos dos alimentos ingeridos, quase sempre em excesso. Fatigado e cansado por tamanho esforço fisiológico, provoca no organismo uma intoxicação.

Começam de aparecer as erupções na pele, pequenos abscessos, manchas características e bem conhecidas. Por vezes, formam-se cálculos ou pedras, — condensação de ácido úrico, e o indivíduo está na expectativa de ser operado.

O café, o chá, as carnes, a cerveja, as bebidas brancas, os queijos fortes, os enchidos de porco, as especia-

rias (açafraão, cravo, pimenta, mostarda), ovos, salsichas, chouriços de sangue, chocolates, etc., são grandes venenos para o fígado e conduzem fatalmente a quele estado hepático.

Esse estado pode ainda levar o doente até a diabetes, — doença pior e de piores consequências.

Cirrose: — Chama-se cirrose ao fígado endurecido, alterado nos seus tecidos. O órgão aumenta de volume, o apetite falta, há dores locais, e o ventre incha e até as pernas.

São autênticas congestões do fígado, muito graves, na generalidade de difícil cura.

O excesso de bebidas alcoólicas conduz quase sempre a estados muito perigosos.

Fígado gorduroso: — A infiltração anormal das gor-

das aumenta-lhe também o volume e leva o doente a situações bastante graves. O abuso das bebidas alcoólicas, a obesidade, a tuberculose, são as causas predominantes desta doença.

Cálculos biliares, cólicas hepáticas: — Chamam-se cálculos biliares às pedras que se formam, sob condições anormais. Estes cálculos formam-se de várias substâncias, como a cal, a magnésia, etc.. O organismo está envenenado e os órgãos funcionam mal, em virtude dos excessivos trabalhos, em virtude das refeições copiosas, abundantes em carnes, em bebidas alcoólicas, em excitantes. Essas pedras juntam-se na vesícula e são por vezes às dezenas, quando não são tão grandes que três ou quatro a encham.

(Continua)

As Questões Internacionais

Pode parecer à primeira vista que não interessam ao nosso jornal aquelas questões que, no momento presente, abalam o mundo e o agitam em várias zonas, dada a ausência do noticiário respectivo nas suas colunas.

Não é, porém, assim. Essas questões interessam-nos, como certamente interessam a quantos se preocupam com a paz sobre a Terra.

Simplesmente, entendemos que seria uma redundância inútil, — o estar a repetir e a reproduzir nas nossas colunas aquilo que a Imprensa diária, — nas suas parangonas de letras negras

— leva ao conhecimento geral.

«A Província» é um semanário que sai às quintas-feiras, e durante os sete dias intervalares dão-se tantos factos graves e importantes, em tão rápidos e desconcertantes acontecimentos, que os nossos noticiários nunca teriam oportunidade, nem actualidade.

Além disto, não queremos inclinações. O nosso jornal é um jornal de aldeia, não pesa em qualquer balança, procura apenas difundir cultura, e tem por divisa inabalável a luta por «uma Humanidade melhor».

(Continua na página 7)

A TODOS OS MEUS COMPANHEIROS DE VIAGEM

Pontevedra La Toja

VI

vedra —, estava um *peluquero*, onde um *servidor de usted* me afeitou, enquanto outro penteava com brilhantina os meus rapazes.

O servidor, como todos *del mundo*, falava pelos cotovelos e, como percebesse que éramos portugueses, vá de se desfazer em elogios ao Chico Mendes, que ali toureava em breves dias. E num instante o pôs acima do Bienvenida, do Ortega, e de todos os *diestros* consagrados. São levados da breca, estes aficionados espanhóis! Se fosse eu a dizê-lo, enxofrava-se com certeza!

Marchámos depois por essa rua fora e fomos dar à Alameda, debruçada sobre a ria, muito arborizada, com seu monumento à batalha de Puentesampaio. Em volta da

Alameda, edifícios oficiais, a avenida de Montero Rios, e os restos do porto e da parte antiga da cidade. Vêem-se também os restos de *las Corbaceiras*, em cujos estaleiros se construiu a nau capitania de Cristóvão Colombo.

Na Alameda havia uma feira. E então, foi o diabo! Os meus rapazes estavam nas suas «sete quintas»!

E foram os *churros*, os tiros aos alvos, mais tiros aos alvos, mais *churros*, — um inferno! Já ninguém dali os tirava! À beira da ria, os carroceiros, as tómbolas, a continuação do inferno...

Por lá nos demorámos até o jantar. Entretanto, eu ia observando a arquitectura pontevedrense. É variada, sugestiva, atraente. Há casas de estilo aldeão, alternando com casitas burguesas, de portais e varandas adornadas. Mas, não sei porquê —, o aspecto geral é pesado, um pouco triste, naquelas moles graníticas que nos cercam. Só a ria, com suas aguarelas marítimas, nos alegra a vista e nos encanta.

Fomos ao jantar (uma bodega qualquer, com sorrisos do sabido criado, muito espartalhado e muito pateta), e em breve estávamos nos braços de Morfeu. A noite estava fresca e convidava ao repouso em «vale de lençóis». Pela manhã, fomos surpreendidos com uma violenta trovoadas e chuva. O verão continuava com estas desilusões! Foi uma tragédia para pagar a conta. O hospedeiro dormia a sono solto e não havia pancadaria nas portas que o acordasse! Por fim, lá apareceu e lá pagámos a pesada soma, — tão pesada como o estilo barroco das igrejas e conventos que enxameiam a cidade. Pontevedra não nos deixava saudades. Que tenham paciência *nuestros hermanos*. Só se for para dar de beber a quem passa, como diz a quadra popular:

*Pontevedra é boa vila,
Dá de beber a quén pasa,
A fonte da Ferraria,
San Bartolomeu y a plaza.*

Ora como não tivemos sede, visto o verão estar de férias, partimos sem *recuerdos*. Os nossos companheiros são da mesma opinião. Aham mal empregado o tempo que ali perdemos e que tanta falta nos faria mais adiante, — na Corunha, por exemplo.

Como obedecíamos, porém, a um itinerário estabelecido anteriormente, não havia que *repontar* e apenas cumprir.

Eram oito horas da manhã e a trovoadas ainda roncava ao longe. A chuva continuava também. Estúpida coisa esta! Mas também não podemos *repontar*. São ordens!

Seguimos para Toja. São 32 quilómetros a percorrer. A estrada é pitoresca e o caminho, com suas paisagens laterais, é encantador.

Álvaro Valente

(Continua)

A mulher indonésia e o seu traje

(Conclusão da página 4)

um processo popular de tecelagem e coloração semelhante ao usado na Índia.

Tal como as mulheres de todo o Mundo, as mulheres indonésias gostam de jóias e ornamentos brilhantes. Ainda que as não vejamos usá-las à maneira grandiosa das ocidentais, pelo menos um pouco de ornamento é inseparável do traje nacional das mulheres indonésias. Mesmo a mulher mais pobre, considera os seus brincos como a parte mais necessária do seu traje. Tanto melhor será se obtiver outros adornos; mas até mesmo uma flor é já suficiente para adornar o seu carrapito.

Os trajes ocidentais são,

sem dúvida, mais adequados às modernas ocupações e são usados para o trabalho nos escritórios e para os desportos. Contudo, o traje nacional reterá sempre a sua atracção decorativa. Em parte, por causa disto, a mulher indonésia tem sempre o orgulho de aparecer, nas ocasiões importantes, vestida com o traje nacional: o «kain» e a «kabava».

Este tema do vestuário das nativas indonésias foi, ainda há pouco, tratado numa conferência feita em Manila pela escritora indonésia Armijn Pane, directora do *magazine* indonésio *Wanita* (Mulheres).

Rollin de Macedo

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Última hora

Yustrich

Preparador e orientador da Selecção Militar?...

Confidenciaram-nos que Dorival Knipell (Yustrich), o reconhecido técnico brasileiro de futebol, que há dias partiu para o Brasil, viria a ser talvez, o preparador e orientador da nossa Selecção Militar de Futebol, após removidas certas dificuldades.

Será verdade? Será boato? Ou será só «bomba»?

Aqui fica a notícia, entregue à imaginação dedutiva dos nossos estimados leitores.

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

D. Vasco

Basquetebol

Seixal, 59 - Montijo, 26

Jogo a contar para o Torneio Regional e disputado no passado domingo, dia 4, no Seixal.

Sob a arbitragem dos srs. Júlio Tavares e Berardo Soeiro as equipas alinharam:

SEIXAL: — (24 cestas e 11 lances livres transformados em 25 tentados) Próspero (17), Pires (16), Lopes (17), Santos (4), Carvalho (1), William (2), e Chagas (2).

MONTIJO: — (12 cestas e 2 lances livres transformados em 15 tentados) Luciano (1), Heitor (4), Adriano (6), Teodemiro (4), Pinto (8), Cosme, e Rogério (3).

Vitória merecida da equipa que melhor organização mostrou possuir durante todo o jogo.

O Seixal foi sem dúvida uma boa equipa no passado domingo. A sua movimentação, melhor que na época finda, mas que não tão rápida, surpreendeu-nos e revelou-nos um Basquetebol pensado e praticado por elementos de razoável capacidade, substituindo o anterior ao jeito de velocidade e fulgurância, sem, todavia, qualquer vislumbre de esquema.

Defendendo com segurança no sistema 2-1-2 e atacando sempre intencionalmente em contra-ataque, deu-nos a equipa uma ideia de que brevemente as lições de Leonel Costa (conhecido basquetebolista do Benfica e actual treinador do Seixal) irão ter os seus frutos, mas muito mais desenvolvidos.

Quando no ataque planeado, também gostámos do «cinco» do Seixal. Foi para nós igualmente surpresa a exibição de Pires, antigo defensor, na posição de «pivot». O seu magnífico trabalho de passe, bem que muitas vezes consentido por deficiente marcação, esteve na origem de muitas cestas, algumas delas de belo recorte.

Luciano Mocho

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

M O N T I J O

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
M O N T I J O

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 7

Em virtude do jogo «Sporting-Belenenses» ter sido adiado e só se ter efectuado na terça-feira, 6, e terminar perto das 23 horas e meia, não foi possível verificar os prognósticos deste cupão e dar os seus resultados. No próximo número de «A Província» serão comunicados, para conhecimento de todos,

Prémios para o cupão n.º 9

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compeas em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos no Montijo.

Obs.: Chamamos a atenção dos concorrentes que não tem sido atribuído prémio, aos que acertem em maior número de resultados, em virtude de se ter aumentado o prémio principal de 1.000\$00 para 1.500\$00.

Contudo e para não haver descontentamentos, de futuro mantemos à mesma o prémio dos 1.500\$00 e mais os secundários que oportunamente iremos anunciando.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 9

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

| 1.ª Divisão | | 2.ª Divisão (Zona Sul) | |
|-------------|-------------|------------------------|------------|
| Torreense | Lusitano | Almada | Olivais |
| Académica | Barreirense | Beja | Portalegre |
| Sporting | Oriental | Estoril | Juventude |
| Benfica | Setúbal | Farense | Coruchense |
| Covilhã | Atlético | Arroios | Portimone |
| Porto | Belenenses | Montijo | Montemor |
| Cuf | Caldas | «Os Leões» | Olhansense |

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 9

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 18



do Minho ao Guadiana



Viana do Castelo

Pirotecnia

— Pela 33.^a vez vai queimar fogo na Ilha da Madeira o consagrado pirotécnico Silva (Filho), que dia a dia procura apresentar novidades, dando origem a elogios como o que transcrevo do estrangeiro Roy Winist, que afirma que o fogo de artifício que teve a felicidade de apreciar no festival que se realizou no mês de Setembro, no Luzia Parque, confeccionado por esse pirotécnico, «o tinha deixado maravilhado classificando-o de superior em relação ao que se fabrica em Nápoles, considerado o melhor da Europa».

Campo dr. José de Matos

— Sofreu ultimamente grandes melhoramentos este campo, entre os quais se contam magníficos balneários.

O campo tem um belo aspecto, sendo pena que o mesmo seja pelado, porque, se fosse de relva, poder-se-ia considerar um admirável Estádio, visto ter as dimensões exigidas e poder alargar-se por terrenos que pesu para tal fim.

A Direcção do Sport. Clube Vianense, que merece os melhores elogios, procura hora a hora melhorar as suas instalações, o que nos apraz registar.

Edifício do Banco de Portugal

— Na praça da República está em construção um prédio de rés-do-chão e três andares, que muito concorrerá para embelezar o local, visto as linhas arquitectóni-

cas serem de magnífico efeito.

Devemos antes chamar-lhe palácio e não edifício, em virtude da grandiosidade com que ficará essa agência do Banco de Portugal, em Viana do Castelo.

Ponte Metálica

— Estão a ser ultimados os trabalhos de grande reparação que esta ponte sofreu nestes últimos meses.

Aviões a Jacto

Viana tem sido nestes últimos dias sobrevoado por aviões de jacto, cujos pilotos têm passado muito juntos das coberturas dos prédios, ocasionando pânico.

É uma verdadeira temeridade que pode ocasionar funestas consequências.

Um destes dias um aparelho, que passou a grande velocidade, produzindo um estampido terrível, deu origem a que um carteiro largasse a saca do correio e se refugiasse num páteo.

Numa escola, as crianças gritaram assustadas e algumas delas fugiram espavoridas.

Impõe-se que os voos nestas condições deixem de se efectuar, para tranquilidade dos habitantes de Viana. (C.)

Sarilhos Pequenos

Acaba de se fundar em Sarilhos Pequenos o *Centro Cultural*, cujos fins são:

Promover espectáculos culturais de teatro e cinema e facilitar a todos, sócios e

não sócios, as boas leituras por meio de uma biblioteca, organizada já com 300 livros. Outros fins tem ainda em vista, como organizar conferências, passeios culturais e Recreativos, e espectáculos de auxílios sociais.

Tem este Centro a sua sede numa das salas do Palácio de Sarilhos Pequenos, actualmente em poder do Rev.^o Prior desta freguesia, no qual estão instalados os serviços de Assistência aos velhinhos das obras sociais do Rev.^o P.^e João Evangelista de Jesus Matos, de quem nós temos todo o acolhimento e aprovação Paroquial.

A iniciativa foi do sr. Francisco Fernandes Anacleto, ao serviço das obras de Assistência deste concelho.

Foi fundado em 2 de Setembro do corrente ano com 35 sócios.

Preparam-se para apresentar o 1.^o espectáculo teatral com um drama em 3 actos, «Matei o Meu Filho», e uma comédia em 1 acto, «Um Macaco a fazer contas», e um acto de variedades pelo nosso conjunto Musical.

No dia 29 de Outubro, tivemos a nossa primeira conferência por um distinto orador, P.^e Mateus das Neves, que a nosso convite se deslocou de Lisboa até junto de nós. No dia 30, foi-lhe oferecido um almoço pela direcção desta colectividade. — (C.)

Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

— Festival Taurino — Em 30 de Setembro último, e organizado pelos srs. Reve-

rendo P.^e José Feliciano Rodrigues Pereira e Francisco Perez Passos, teve lugar nesta localidade, numa arena (para o efeito improvisada), um popular festival taurino, cujo produto líquido, reverteu em benefício do Património dos Pobres, em construção nesta localidade. Abrilhou o mesmo a Banda de Música «João Cândido Belo», de Azeitão.

Colaboraram graciosamente os srs.: J. F. Rossio, do Barreiro e José Caiado, de Alhos Vedros, com o empréstimo das respectivas madeiras; um grupo de forcados e bandarilheiros amadores da Moita do Ribatejo, e especialmente o Clube União Banheirense «O Chinquillo» que, como de costume e sempre com aquela boa vontade, teve a gentileza de mais uma vez colaborar também graciosamente com o empréstimo das necessárias cadeiras e mesas e a sua magnífica aparelhagem sonora. Aos elementos acima referidos e todos mais que de qualquer forma tiveram a honra de nos prestar o seu auxílio, nos confessamos muito e muito gratos.

Também no p. p. domingo, dia 4, pelas 15,15 horas, na Praça de Touros Daniel do Nascimento, na Moita, teve lugar um grandioso Festival de Variedades Taurinas, fazendo parte do programa, dois cavaleiros amadores, espadas e bandarilheiros amadores, um grupo de forcados amadores e um intervalo cómico. O produto líquido desta

Telefone 026 378

Dava boas Fotografias

Foto Montijense

festa, reverteu em benefício das obras de assistência em curso nesta localidade. Bem hajam! Bem hajam!

— *Clube União Banheirense «O Chinquillo»* — Para inauguração da nova época, a dig.^{ma} Direcção desta prestigiosa colectividade levou a efeito no p. p. sábado, dia 3, no seu vasto salão, um grandioso festival que constou de baile e outras surpresas, dedicado a sócios e suas famílias, com uma larga e animadíssima concorrência, por ser abrilhantado por uma das principais Orquestras da região. — (C.)

As questões internacionais

(Continuação da página 5)

Cada vez nos convencemos mais de que não será pelos processos ora seguidos no mundo das dementadas paixões, que se consegue esse desiderato.

E assim, e de acordo com aquela nossa divisa, não queremos lançar a mais pequena acha na fogueira, — porque o não sentimos, e porque obedecemos também à voz da Consciência.

Uma coisa queríamos acima de tudo: a Paz de todos os povos, — para que todos pudessem disfrutar a relativa felicidade que a Vida ainda lhes proporcionaria, no momento exacto em que se diz que a Civilização atingiu um grau de desenvolvimento da maior projecção.

E porque tal se não alcança?

Será por culpa dos próprios homens? Será pela força das circunstâncias que o Destino determina?

Seja como for. Nós não abdicamos do ideal que nos guia.

E por isso nos afastamos dos conflitos, enquanto esperarmos que as nuvens passem e resplandeça o sol da Fraternidade Humana.

Aldeia do Avesso

Doz Alvaro Valente

Certo dia ele apareceu pela porta do quintalório.

A confiança aumentara nos últimos tempos. Os «presentes» constantes, o assédio sem descanso, tanta maneira de se insinuar, — tudo tinha que produzir os efeitos desejados.

A Ermelinda estava apaixonada, ainda que o não desse a perceber. De princípio, lutara contra a inclinação nascente; mais adiante, porém, desistira da luta e entregara-se por completo àquele amor que a dominava irresistivelmente.

Já nada podia contra o feitiço. O mais que conseguira, fora disfarçar e esconder os seus sentimentos numa reserva mal contida.

Ele abriu o cancelo que dava para a travessa e deu com ela, toda afogueada e arregaçada, na rega das «novidades».

Estava de costas e não o viu.

Sem se bulir, pôs-se a observá-la naquele à-vontade em que a surpreendera.

— Soberba mulher, àque de Deus!

As saias, repuxadas e presas à roda com o lenço de ramagens, deixavam ver as pernas fortes, de carnes rijas, — columnas que se desenvolviam em proporção e elegância; os braços, nus até quase às axilas, eram um primor de estatuária viva, — suplicio voluptuoso de abraços mordentes, astixiantes; a cabeça, ao larêu e ao vento, emoldurada nas tranças negras da moda antiga, servia de formosa cúpula àquela escultura de linhas impecáveis, e toda a figura em conjunto dizia saúde, irradiava beleza, cantava fascinação!

Ele aproximou-se pé-ante-pé e assustou-a.

— Uf! Viva quem é uma flor!

Ela voltou-se num repente e ficou perplexa.

— O sr. Morais!

— Sim, sou eu. E isso que tem? Um amigo tanto entra pela porta da frente como pela do quintal. Não lhe parece?

— Mas assim... tão de *súpeto*... não esperava... — tartamudeou.

— E a surpresa foi agradável ou não?

Ela não sabia que responder. Preferiu calar-se. Tinha ímpetos de fugir para casa; mas uma força estranha a prendia aos dois palmos de terra onde assentava os pés.

Depois, lembrou-se de que a mãe saíra havia pouco, que estava sôzinha, e ainda mais se atemorizou.

Ele percebera-lhe o enleio. Achou-o natural, visto ser a primeira vez que se encontravam tão a-sós. No entanto, afoitou-se e resolveu aproveitar a ocasião:

— Olhe, Ermelinda: Eu tenho notado que a minha presença não lhe agrada muito. Não sei porquê. As minhas intenções são de bom amigo e não quero que se contrarie por minha causa. Se a incomodo, se a aborreço, não volto cá mais.

Ela protestou, assustada, não fosse ele cumprir o que dizia...

— Não diga mais coisas dessas, sr. Morais. Eu sou uma rapariga da aldeia, nada sei do mundo e da vida. Não estou acostumado a certas *politecas*. Envergonho-me, é o que é. Desculpe. Desculpe a minha falta de conhecimento...

— Lá por isso, não, Ermelinda. Eu acho até muita graça ao seu recato, ao seu pudor, ao seu «envergonhamento», — deixe-me falar assim. Nunca gostei dessas mulheres modernas, dessas que pintam os beiços e cortam os cabelos «à garçona» ou «à Joãozinho». Prefiro as que, — como a Ermelinda — são como são, sem artifícios nem fingimentos. Mas, desde a primeira vez que a visitei em sua casa, reparei na sua indiferença pela minha pessoa, assim quase que desprezo...

(CONTINUA)



A Tua Página

Coligida para a mulher moderna, por Olga

PODE SER QUE ELE GOSTE

Bolachas de batata

500 gramas de batatas, uma colher de chá bem cheia de manteiga, uma colher de sopa de farinha de batata, uma gema de ovo, um ovo inteiro para pintar e sal que baste.

Cozem-se as batatas, com pele, em água e sal; pelam-se e passam-se duas vezes pelo espremedor. Põem-se num alguidar e amassam-se com a manteiga, a farinha e a gema de ovo; provam-se para ver se precisam mais sal e trabalha-se bem a massa, que se deixa descansar depois de bem amassada.

Põe-se sobre a pedra enfarinhada, estende-se com o rolo, também enfarinhado, deixando-a com um centímetro de altura.

Corta-se então com um corta bolachas redondo, de cinco centímetros de diâmetro, pintam-se com um pincel molhado um ovo batido e cozem-se no forno dentro de tabuleiros untados com banha, e polvilhados com farinha de trigo.

Para o teu filho



Estes calções são extremamente práticos e fáceis de confeccionar. Um retalho de ganga serve às mil maravilhas para o efeito.

Os bispontos devem ser de cor que realce — encarnado ou branco, por exemplo.

Devem ser cozidas em forno forte para não alastrarem.

As bolachas de batata são um belo acompanhamento para carne assada.

Coloca-se na travessa em volta do assado e podes guarnecê-las colocando no centro uma colherinha de picado de carne ou uma anchova.

Pudim Neville

Põem-se dentro de um tacho os seguintes ingredientes: cem gramas de folhas de gelatina, cortadas em pedaços; uma cebola média picada; um dente de alho picado; dois litros de água quente; um decilitro de bom vinho branco; um cálice de vinho do Porto; um pedaço de casca de limão; o sumo de metade de um limão; algumas raspas de noz moscada; seis bagos de pimenta em grão; três claras de ovos e sal que baste.

Leva-se o tacho ao lume e mexe-se até derreter a gelatina, devendo ferver por espaço de cinco minutos.

Retira-se do fogo, coa-se por um pano molhado e espremido, juntam-se-lhe duzentas gramas de peixe cozido desfiado e deita-se numa forma previamente molhada com água.

Deixa-se endurecer.

Na ocasião de servir volta-se para um prato e guarnece-se em volta com azeitonas e alface, ou chicória temperada com azeite e sumo de limão.

Pudim Tokay

Bate catorze gemas com meio quilo de açúcar refinado.

Junta um cálice de vinho do Porto ou da Madeira e deita em pudineira forrada e bem untada de manteiga.

Coze em forno de calor moderado.

Defende-te dos rigores do tempo

Este curioso capuz pode ser confeccionado em veludo ou fazenda de cá, guarnecido com uma barra de veludo a imitar pele de tigre e forrada interiormente do mesmo.



A Bela e o Burro

O senhor que beija a mão entrou no salão, perdido pela bela do salão... A bela deu-lhe atenção e ele avançou comovido... E à meia luz do salão, ao ver um braço estendido, o senhor que beija a mão beijou a mão ao marido...

Sidónio Muralha

Para tirar nódos

As da má língua são impossíveis de tirar. Quanto às outras, existem vários processos dos quais te apresento alguns:

De ferrugem:

Esfregue-se a mancha com o dedo e um pouco de pó de magnésia, decorrida uma ou duas horas, escove-se, verificando-se que a nódoa terá desaparecido quase totalmente.

De tintura de iodo:

Tanto sobre a roupa como sobre a pele, estas nódoas tiram-se esfregando-as com um pano ou algodão humedecido numa solução de hipossulfito de soda.

De ervas:

Lavem-se as nódoas com água fria e limpa, sem sabão.

De sangue:

Aplice-se sobre as nódoas uma camada espessa de amido corrente, preparado como para engomar roupa e aplicado em estado pastoso.

Aqui tens a resposta

Maria de Lourdes: — Se a publicação desta página fosse fixa, poderia ser atendida a tua solução. — Registo, porém, com prazer o teu interesse.

Luisinha: — Terei muito prazer em te indicar bons livros que possas consultar com proveito, desde que me indiques qual o género que pretendes.

Ester Ferreira: — Manda os trabalhos literários de que me falas. Não hesitarei em publicá-los, se o merecerem. Creiam na vossa boa amiga

Olga

Quem é esta artista portuguesa?

Entre as numerosas respostas recebidas, sorteámos a obra de Álvaro Valente, «Pedaços deste Ribatejo», que coube a Albertina Dias Viegas, Rua Joaquim de Almeida, 195, Montijo, que tem o prémio na nossa Redacção ao seu dispor.

O nome da artista é: Irene Matos.

O que se usa



Eis a última moda alemã. Curioso: duas peças de fazenda com botões de galalite ou de madrepérola. É simples mas de grande distinção.

DECORAÇÃO



Aqui tens uma feliz ideia para o quarto dos teus filhos, inspirada em motivos náuticos. Dois beliches, três amplas gavetas, duas secretárias e um armário. Os candeeiros de cada beliche representam lanternas iguais às usadas nos barcos. O cesto dos papéis é um balde de bordo e as cadeiras são iguais às usadas nos convés dos navios. As cores dos cortinados e das colchas devem ser berrantes a contrastar com a pintura suave do quarto.

O recém-nascido

«Ouviu-se sobre a terra uma trémula vozinha que jámais se ouvira, saindo duma garganta que nunca havia vibrado!»

«Falaram-me dum homem que vivia na mais completa escuridão: os seus olhos jámais haviam visto a mais ténue luz, como no fundo dum insondável abismo.

Contaram-me que um homem vivia em absoluto silêncio; jámais chegara aos seus ouvidos qualquer ruído, mesmo o mais imperceptível...

Ouvi contar que um homem vivia submerso em água: um líquido estranhamente tépido; e, bruscamente, saiu para o exterior, para entre gelos.

Expandiu os pulmões que nunca haviam respirado (comparado com isto, as fadigas e suplicios de Tântalo são ligeiros), e venceu. O ar dilatou, dum golpe, os pulmões, desde sempre dobrados, e o homem então gritou.

E ouviu-se, sobre a terra, uma vozinha como jámais se ouvira, saindo duma garganta que nunca havia vibrado!»

Marla Montessori